

Quarteto de Cordas de Matosinhos

8 Mai 2018

19:30 Sala 2

–
RITO DA PRIMAVERA

Vitor Vieira *violino*

Juan Maggiorani *violino*

Jorge Alves *viola*

Marco Pereira *violoncelo*

José Vianna da Motta

Quarteto em Mi bemol maior (1887-88; c.25min)

1. *Allegretto molto espressivo*
2. *Scherzo e trio*
3. *Adagio molto*
4. *Allegretto grazioso*

Luís de Freitas Branco

Quarteto de cordas (1911; c.21min)

1. *Moderado*
2. *Vivo*
3. *Lento*
4. *Animado*

Joly Braga Santos

Quarteto de cordas n.º 2 em Lá menor (1957; c.22min)

1. *Largo – Allegro moderato*
2. *Adagio molto*
3. *Largo – Allegro molto vivace*

O ano de 2018 celebra duas datas emblemáticas relacionadas com o pianista e compositor **José Vianna da Motta** (1868-1948): os 150 anos do nascimento, completados no passado dia 22 de Abril, e os 70 do falecimento, que se assinalam no próximo dia 1 de Junho.

O concerto de hoje abre com o **Quarteto em Mi bemol maior**, o primeiro dos dois quartetos de cordas que integram a (parca) produção musical do compositor português na categoria de música de câmara. Composto por quatro andamentos – *Allegretto molto espressivo*, *Scherzo e trio*, *Adagio molto* e *Allegretto grazioso* –, o Quarteto em Mi bemol maior é uma obra de juventude, como acontece, aliás, com toda a obra de câmara do compositor. Foi escrito em Berlim, entre Dezembro de 1887 e Julho de 1888, ou seja, quando Vianna da Motta tinha entre 19 e 20 anos de idade.

Não é conhecida a data e o local de estreia do quarteto. Foi encontrada, apenas, uma menção feita pelo compositor no *Diário n.º 8 – 13 de Nov. de 1888 – 7 de Set. de 1889* (os *Diários* que Vianna da Motta escreveu entre 1883 e 1893 foram publicados em 2015 numa edição conjunta da BNP e do CESEM) a uma audição privada dos primeiros três andamentos, em casa da família Ernst, a 21 de Novembro de 1888, pelo violinista alemão Wilhelm Hellmich e pelos músicos amadores Ernst Júnior, Richard Stubenrauch e Philippesen. No texto, Vianna da Motta congratula-se com o resultado final

da obra, apesar de a interpretação não ter correspondido às suas expectativas. O *Adagio molto* foi o que mais lhe agradou, embora os músicos não tenham respeitado a indicação de andamento o que prejudicou a interpretação de “certas passagens, que eu tinha concebido com uma interpretação apaixonada e calorosa”.

Apesar de ser uma obra de juventude, o Quarteto em Mi bemol maior revela uma complexidade e uma maturidade invulgares para um músico ainda em formação. Na época, Vianna da Motta estudava piano e composição com Carl Schaeffer, membro da Sociedade Wagneriana. A 19 de Dezembro de 1887, regista no *Diário n.º 6 – 16 de Abr. 1887 – 29. Jan. 1888* que a obra “agrada muito ao Schaeffer”. É notória a influência do professor de composição, desde logo no ambiente wagneriano do primeiro andamento expresso através da ambiguidade harmónica e das complexas combinações contrapontísticas. O dramatismo lisztiano do *Scherzo* contrasta com a sobriedade do *Trio*. O já citado 3º andamento, *Adagio molto*, é um hino ao lirismo e à veia melódica do compositor. É o que Teresa Cascudo apelida de “imagem de marca de Vianna da Motta”. O Quarteto termina com um *Allegretto grazioso* que começa por parecer um rondó. Contudo, a apresentação constante e sucessiva de secções novas e diferentes das anteriores transporta-nos para uma forma musical mais parecida com a rapsódia. Volta a impressionar a riqueza bem como a variedade harmónica e temática exibidas por Vianna da Motta no derradeiro andamento.

20 anos, a três meses de completar 21, era a idade de **Luís de Freitas Branco** (1890-1955) quando compôs o seu único **Quarteto de cordas**. O manuscrito autógrafa da obra está datado de Junho-Julho de 1911, mas é altamente provável que a sua génese tenha ocorrido em Paris, cidade para onde Luís de Freitas Branco havia viajado em Abril desse ano na companhia do pai.

A única obra que Freitas Branco escreveu para dois violinos, viola de arco e violoncelo tem fortes influências de Debussy e Ravel, dois compositores que ele muito admirava. A audição da ópera *Pelléas et Mélisande* de Claude Debussy, em Berlim, em 1910, foi para o jovem compositor português o acontecimento que deu início a “uma vida artística nova que era finalmente aquela pela qual eu ansiava”, conforme referiu o próprio numa entrevista concedida a Alfredo Pinto (Sacavém) em 1913.

A estrutura e a forma do Quarteto são particularmente interessantes e peculiares. Freitas Branco criou uma obra de construção cíclica, uma lógica construtiva de inspiração frankista. Criou, ainda, uma obra em que os quatro andamentos têm durações muito

dísparos: os dois primeiros, *Moderato* e *Vivo*, duram cerca de três minutos; o *Lento* tem praticamente o dobro dos anteriores; e o último, *Animado*, dura o triplo dos dois primeiros. Esta discrepância temporal não prejudica, porém, o equilíbrio da obra.

Formalmente, o primeiro andamento contraria a canónica forma sonata. Ao invés, divide-se em duas secções – *Moderato* e *Più animato* – que primam pela concisão e presenteiam o ouvinte com um fabuloso jogo de contrastes (escrita paralela *versus* diálogos sucessivos). O *Vivo* tem a forma de um *scherzo*, mas surpreende pela ironia, pela “graciosidade deformada” que desprende, como refere João de Freitas Branco. A plasticidade sonora e o lirismo são a imagem de marca do *Lento*. Em 1990, Alexandre Delgado escreveu que o quarto e último andamento “reúne características de vários tipos de estrutura (rondó, sonata, variação) sem chegar a ser nenhuma delas e inventando uma forma nova”.

A primeira audição integral do Quarteto de cordas de Luís de Freitas Branco teve lugar em 1928, no Conservatório Nacional de Lisboa, pelo quarteto do violinista Luís Barbosa. Contudo, o terceiro andamento já havia sido interpretado publicamente onze anos antes, a 19 de Abril de 1917, no mesmo local, por um quarteto formado pelos violinistas Paulo e João Manso, o violetista Fernando Cabral e o violoncelista Júlio Almada.

Joly Braga Santos (1924-1988), discípulo dilecto de Luís de Freitas Branco, é unanimemente considerado o grande sinfonista português. Todavia, o catálogo do compositor lisboeta contém também várias obras de música de câmara, entre as quais dois quartetos de cordas. João de Freitas Branco, no programa do concerto de homenagem a Joly Braga Santos promovido pelos “Amigos do São Carlos” (Julho de 1989), considerou ser o **Quarteto de cordas n.º 2 em Lá menor** a obra de câmara de maior fôlego do compositor, entre todas as anteriores à viragem estilística que se deu no início dos anos 60, no sentido do cromatismo e da atonalidade.

O segundo quarteto de cordas, dedicado “À minha querida mulher”, a cantora lírica Maria José Falcão Trigoso Braga Santos, e composto em Milão, em 1957, durante um estágio que Joly Braga Santos realizou naquela cidade italiana, é, pois, uma obra construída com base numa linguagem musical assente num modelo neoclássico essencialmente modalista. À semelhança do que acontece nas suas quatro primeiras obras sinfónicas, escritas entre 1945 e 1950, e na senda da obra que ouvimos antes composta pelo seu professor, o Quarteto de cordas n.º 2 em Lá menor é uma obra de construção cíclica. Ou seja, é uma obra que tem por base um motivo condutor, uma raiz cíclica, que percorre os três andamentos. A raiz cíclica é sempre apresentada na introdução lenta de cada um dos andamentos por um instrumento solista: o violoncelo no *Largo* – *Allegro moderato* e no *Adagio molto*; o primeiro violino no *Largo* – *Allegro molto vivace*.

Após a exposição do motivo condutor pelo violoncelo, seguido pelo primeiro violino e pela viola, o *Allegro moderato* do primeiro andamento é uma forma sonata à qual o compositor retirou o desenvolvimento. É digna de registo a sobreposição de sucessivas linhas melódicas sustentadas por uma base harmónica em *pizzicatos*. No *Adagio molto*, Braga Santos cria ostinatos nos instrumentos mais graves – viola e violoncelo – sobre os quais faz pairar

sucessivas cantilenas lânguidas e melancólicas. No terceiro e último andamento, o tema cíclico é tocado pelo 1º violino, no registo agudo, acompanhado pelos restantes três instrumentos do quarteto. Depois deste momento de introspecção, Joly Braga Santos surpreende-nos com um *Allegro molto vivace* na forma rondó onde se sucedem vários temas melódicos de uma alegria contagiante.

O Quarteto de cordas n.º 2 em Lá menor foi tocado pela primeira vez em 1986, dezanove anos após a sua criação, no Salão Nobre do Teatro Nacional de São Carlos, pelo Quarteto Capela, formado por António Anjos e Vitorino Gomes (1º e 2º violinos, respectivamente), Barbara Friedhoff (viola de arco) e João Murcho (violoncelo).

ANA MARIA LIBERAL, 2018

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Aclamado como um “caso singular de excelência no panorama musical português” (Diana Ferreira, Público, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

Na temporada de 2014/15, o QCM foi escolhido como uma das ECHO Rising Stars, por nomeação da Casa da Música e da Fundação Gulbenkian, realizando uma tournée de 16 concertos em algumas das mais importantes salas de concerto europeias, como o Barbican em Londres, o Concertgebouw em Amesterdão, o Musikverein em Viena, as Philharmonies de Hamburgo e Colónia e a Konzerthaus de Dortmund. Apresenta-se também regularmente nas maiores salas de concerto portuguesas, como a Casa da Música, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Centro Cultural de Belém, e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Desde a sua criação, o QCM assumiu um forte compromisso com o repertório português para quarteto de cordas, interpretando muitas obras menos conhecidas e abraçando novas obras de compositores contemporâneos: estreou já mais de 20 novas obras. O outro principal objectivo artístico do QCM vem sendo cumprido com a interpretação em Matosinhos do grande repertório para quarteto de cordas: as obras completas de Mozart e Mendelssohn foram já apresentadas, estando em curso as integrais de Haydn, Beethoven e Chostakovitch.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobaça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofia (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violinista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

